

**INSTAURAR OS MORTOS: A CURADORIA DE
ANIMAIS EM COLEÇÕES DIDÁTICAS**

**INSTAURAR A LOS MUERTOS: LA CURADURÍA DE
ANIMALES EN COLECCIONES DIDÁCTICAS**

**INSTAURATING THE DEAD: CURATORSHIP OF
ANIMALS IN EDUCATIONAL COLLECTIONS**

Enviado: 15.09.2024

Aceptado: 04.12.2024

Tulio Vieira

Mestre e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Email: vieiratulios@hotmail.com

Maria Margarida Gomes

Professora associada do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Email: margaridapl@gmail.com

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

E se considerássemos que os bichos nas coleções não são meros vestígios de um passado colonial, nem mortos inativos completamente objetificados por um sujeito humano, mas seres que, mesmo diante da morte, continuam a nos interpelar? O que eles nos convocam a fazer? Inspirados nos estudos de Donna Haraway e Vinciane Despret, temos experimentado pensar, desde a condição de morto, sobre a agência desses animais nas práticas educativas e de formação docente em que estão envolvidos. Ao explorar situações de encontro com animais preservados em uma coleção didática, este texto busca refletir sobre as questões que emergem no processo de curadoria desses mortos. Destacamos uma dimensão ético-política e ontológica que permeia as práticas de instalação, nas quais acolher um pedido não apenas prolonga a materialidade desses corpos, mas também produz novas formas de existir.

Palavras-chave: animais, coleção zoológica, formação de professores, curadoria.

¿Y si consideráramos que los animales en las colecciones no son meros vestigios de un pasado colonial, ni muertos inactivos completamente cosificados por un sujeto humano, sino seres que, incluso ante la muerte, siguen interpelándonos? ¿Qué nos llaman a hacer? Inspirándonos en los estudios de Donna Haraway y Vinciane Despret, hemos intentado pensar, desde la condición de muertos, en la agencia de estos animales en las prácticas educativas y de formación docente en las que participan. Al explorar situaciones de encuentro con animales preservados en una colección didáctica, este texto busca reflexionar sobre las cuestiones que emergen en el proceso de curaduría de estos muertos. Destacamos una dimensión ético-política y ontológica que permea las prácticas de instalación, en las que aceptar una solicitud no sólo prolonga la materialidad de estos cuerpos, sino que también produce nuevas formas de existir.

Palabras clave: animales, colección zoológica, formación de docentes, curaduría.

What if we considered that animals in collections are not mere vestiges of a colonial past, nor inactive dead beings completely objectified by a human subject, but beings that, even in the face of death, continue to question us? What do they call us to do? Inspired by the studies of Donna Haraway and Vinciane Despret, we have been experimenting with thinking, from the condition of being dead, about the agency of these animals in the educational and teacher training practices in which they are involved. By exploring situations of encounter with animals preserved in a didactic collection, this text seeks to reflect on the questions that emerge in the process of curating these dead bodies. We highlight an ethical-political and ontological dimension that permeates installation practices, in which accepting a request not only prolongs the materiality of these bodies, but also produces new ways of existing.

Keywords: animals, zoological collection, teacher training, curatorship.

1. Esse som tão forte, um som de morte

Diante do brilho frio e translúcido da solução que os preservava, não havia segredos. O hálito evaporado do álcool invadia minhas narinas assim que eu abria o pote. Mal removida a tampa, e já ouvia um grunhido abafado. Com cuidado, os corpos eram retirados da imersão e colocados em uma bacia. A cada gesto, à medida que as pinças beliscavam e eles eram revirados, o som parecia aumentar, como se algo ali tentasse se fazer ouvir. Eles devolviam o olhar, ainda que muitos nem olhos tivessem. Havia neles algo que convocava, um chamado sutil, mas insistente. A cada vez que tocava seus tegumentos, uma questão flutuava no ar, sem palavras, sem tradução. No ímpeto de ceder a esse convite, o sussurro daqueles animais parecia exigir uma resposta, mesmo sem que fosse possível saber qual era a pergunta. Era preciso aceitar ser instruído.

Seguindo animais de um curso de formação de professores de Biologia¹, me deparei com defuntos, cadáveres, exemplares, bichos mortos que habitam corredores, salas de aula, subsolos e laboratórios. Para os neófitos na rotina de muitas licenciaturas em ciências biológicas, vale lembrar que o contato com animais é parte constitutiva da formação desses futuros professores. Licenciandos, docentes e outros bichos têm suas vidas rotineiramente cruzadas, e não seria exagero dizer que formamos professores junto dos mortos — ou melhor, que animais mortos conduzem conosco muitas das práticas de formação docente em biologia. Imagine animais como vespas, aranhas, ouriços e moluscos; ou ainda lagartos, raias, sapos e cobras. Imagine espécimes individuais, colônias, lotes inteiros, peças anatômicas, ninhos, tocas e outros produtos da atividade animal. Imagine-os submersos em álcool, sem partes do corpo, alguns sem cor, alfinetados, outros mais inteiros e difíceis de serem vistos no cotidiano. Entre potes de vidro, caixas de madeira ou taxidermizados, encontramos uma grande variedade de animais compondo coleções zoológicas.

É importante considerar o nó naturalcultural (Haraway, 2022) que enreda essas coleções, uma conformação material-discursiva profundamente conectada à forma como os animais são exibidos e estudados segundo a zoologia (Papavero, 1994). Esse entrelaçamento não se limita apenas a esse campo científico moderno, mas também abrange a história dos museus e os contextos colonial e pós-colonial da História Natural, que influenciaram profundamente as práticas de coleta, preservação e exibição de espécies em contextos científicos e educativos (De

¹ A discussão apresentada está inserida em uma pesquisa de doutorado desenvolvida no Grupo de Pesquisa "Currículos Escolares, Ensino de Ciências e Materiais Didáticos", vinculado ao Núcleo de Estudos Curriculares (NEC) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

L'Estoile, 2011). Desde o século XIX, com o surgimento dos Gabinetes de História Natural, o uso de exemplares preservados tornou-se central para o desenvolvimento de habilidades de identificação, classificação e entendimento da biodiversidade. Em contextos de ensino, com a promessa da fuga da abstração dos conteúdos curriculares escolares, essas coleções ganharam um contorno pedagógico voltado para a ilustração de teorias biológicas, a aproximação dos objetos da ciência e a promoção da familiaridade dos alunos com a diversidade dos seres vivos (Souza e Gomes, 2022). Já na formação de professores, o uso de coleções consolidou-se como um recurso integrador da teoria e da prática, atrelando práticas experimentais com animais a uma ideia de formação de qualidade (Marandino, Selles e Ferreira, 2009).

A montagem e o uso de coleções zoológicas tornaram-se, assim, práticas consolidadas que estabelecem uma tradição curricular no ensino e na formação de professores de biologia. As críticas ao modelo de experimentação animal, ao legado colonial dessas práticas, assim como ao papel dos museus na catalogação da vida animal, levantam diversas problemáticas acerca dos pressupostos sobre os quais o conhecimento zoológico foi produzido (Feijó, Braga e Pitrez, 2010). Por um lado, essas práticas podem reforçar perspectivas hierárquicas e utilitaristas, desdobrando-se em questões como o especismo e o antropocentrismo, ao reiterarem a lógica moderna de que os animais existem como recursos destinados aos interesses humanos. Entretanto, interessados nos animais e diante de toda essa espessura histórica, gostaríamos de entrar por outra via nessa discussão. E se considerássemos que os bichos nas coleções não são meros vestígios de um passado colonial, nem mortos inativos completamente objetificados por um sujeito humano, mas seres que, mesmo diante da morte, continuam a nos interpelar? O que eles nos convocam a fazer?

Inspirados nos estudos de Donna Haraway (2021; 2022) e Vinciane Despret (2023), temos experimentado pensar, desde a condição de morto, sobre a agência desses animais nas práticas educativas e de formação docente em que estão envolvidos. Por “agência”, buscamos enfatizar uma dimensão política e ontológica que constitui o encontro entre animais e professores. A negociação, a conquista, a derrota ou a invenção só são possíveis na relação. A agência, diferentemente da noção de “razão”, nunca é individual. Ela “não é absolutamente um atributo - é um ‘fazer’/‘ser’” (Alaimo, 2017, p. 919). Assim, é preciso dissolver a ideia de “indivíduo que age” e considerar que a potência da ação reside no processo relacional e dinâmico de devir-com outras espécies (Haraway, 2021). Em outras palavras, a agência não pode ser entendida como algo isolado ou inerente a um sujeito, mas como a própria relacionalidade que emerge nos encontros entre diferentes agentes, humanos e não-humanos. Reconhecer a agência diante de um devir-com implica desafiar concepções

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

tradicionais de autonomia e intencionalidade, deslocando o foco para a interdependência e para os modos como essas relações transformam todos os envolvidos.

O convite é para adentrarmos o universo das coleções zoológicas evitando reduzir os animais a exemplares inertes e vítimas de um sacrifício imposto. Não esqueçamos que “foi o surgimento de uma instrumentalização sem precedentes que criou as condições de uma definição do animal como criatura sensível e inocente. Uma vítima. E sua morte, um sacrifício” (Despret, 2021, p. 297). Essa narrativa não nos parece apropriada quando o que interessa é levar a sério as implicações em viver e morrer com animais formando professores. Reduzir esses animais a um estado inerte ou sacrificial simplifica a complexidade das relações multiespécies, reiterando a gramática moderna que resguarda ao “humano” a agência diante dessas relações. Consideramos que animais mortos não estão ali, nas coleções, apenas como suportes da ação dos vivos; eles nos convocam a algo mais.

Buscamos considerar que os animais presentes em coleções didáticas exercem uma influência que ultrapassa a função pedagógica, evocando questões éticas, epistemológicas e ontológicas sobre suas presenças e ausências. A morte, nesse contexto, não é o fim de suas capacidades de interação, mas a instauração de novas formas de relações, em que docentes, discentes e outros agentes, humanos e não humanos, participam de uma trama em que corpos preservados ainda nos convocam a responder. Essa problematização nos coloca a reavaliar não apenas a agência dos animais na produção curricular da formação de professores, mas também as fronteiras entre o vivo e o morto, o sujeito e o objeto, o animal e o professor. Interessados em compreender como animais mortos podem perseverar nos currículos da formação de professores de biologia, propomos não esvaziar a presença desses bichos nas coleções em que habitam, reconhecendo que os encontros com eles envolvem relações assimétricas, mas nunca inteiramente unilaterais.

Aliás, os mortos em questão não são animais apenas figurativos. Eles existem. Não quaisquer animais, mas sim bichos situados e mortos. Estamos falando, em sua maioria, de animais invertebrados, que vão desde insetos até organismos bentônicos. São esqueletos de corais, polvos e lulas, besouros e borboletas em caixas entomológicas, esponjas, ofiúros, estrelas-do-mar, morcegos em potes com álcool, centopeias, peixes e muitos outros. Acompanhando práticas laboratoriais, de ensino e de extensão com coleções zoológicas no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), faremos conexões que nos ajudam a refletir sobre o que emerge ao considerarmos a presença ativa dos exemplares na formação docente. Nesse sentido, a ideia de que cada animal morto mantém uma

presença ativa nas coleções se manifesta por sua capacidade de agenciamento, de provocar ação, mobilizar e influenciar professores e estudantes com os quais convive, levando-os a pensar e agir de maneiras não previamente planejadas.

Levar em conta essa agência relacional borra fronteiras outrora bastante definidas, tornando incerto quem “faz” o quê nessa história de formação. Para este texto, abordamos especificamente situações de encontro com os animais da Coleção Zoológica do Projeto Fundação Biologia (PFBio). O PFBio é um projeto de extensão universitária pioneiro na UFRJ, atuante desde 1983 na proposição de políticas curriculares voltadas para a formação de professores da Educação Básica. A sua coleção zoológica, por meio do subprojeto "Materiais Didáticos do Projeto Fundação - UFRJ"², funciona como um catalisador na relação entre a universidade e as escolas, promovendo um intercâmbio entre essas instituições que colabora diretamente na formação docente.

Fazer de pequenas histórias uma matriz narrativa (Haraway, 2022; Despret, 2023) constitui o exercício em funcionamento neste texto. O arranjo textual articula relatos de campo, artigos resultantes de levantamentos bibliográficos feitos ao longo da escrita, manuais de elaboração de coleções zoológicas, iscas filosóficas, conversas no WhatsApp, observações durante o acompanhamento das atividades e as descrições delas resultantes para suscitar questões em torno dos encontros com os animais preservados nessa coleção didática. O artigo segue organizado em quatro momentos. No primeiro, "Acolher um pedido", discorremos sobre a demanda de oferecer "mais existência" aos animais mortos, em que a preservação envolve um cuidado contínuo e uma atenção recíproca entre mortos e vivos. Em "Quando perguntei pelos animais, ela respondeu:" apresentamos um exercício de colagem de fotografias que funciona como texto para situar os animais específicos – e não o “Animal” enquanto categoria abstrata e generalista das formas faunísticas de existência – evocados neste escrito.

A seção "Instalar para instaurar" examina o processo curatorial como uma instalação contínua, que se desenvolve através do engajamento dos curadores e dos espécimes, constituindo-se como uma condição própria para a instauração desses animais. Por fim, "Uma presença inquietante e questionadora: a morte" reforça que a morte não deve ser concebida como um fim definitivo, nem o ato de matar como uma imposição sacrificial, refletindo sobre as implicações éticas

² Referimo-nos ao projeto "Materiais Didáticos do Projeto Fundação Biologia – UFRJ: organização do acervo e de novas produções para o ensino de Ciências e Biologia", que tem desenvolvido ações de extensão universitária focadas na formação de professores de Ciências e Biologia. Essas atividades incluem a preservação, revitalização, produção, análise e utilização de materiais didáticos, como a "coleção didática de zoologia", o "acervo histórico de livros didáticos" e as "oficinas de experimentos didáticos", todos voltados para o ensino das disciplinas de Ciências e Biologia.

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

em matar animais para compor coleções zoológicas. As reflexões aqui mobilizadas são antes um esforço para apontar algumas questões incipientes que essa pesquisa vem levantando do que demonstrar um caminho já traçado. Desde a consideração de que animais mortos, preservados em coleções didáticas, ainda têm algo a nos dizer, questionar ou provocar é que esse texto se desdobra para pensar suas existências depois da morte.

2. Acolher um pedido

Ilha do Fundão, Centro de Ciências da Saúde, sala D-23,
Rio de Janeiro, em algum momento do tempo:

Estávamos organizando as prateleiras que abrigam os animais. Era véspera de uma oficina que seria conduzida com a coleção zoológica e, junto com a estudante responsável pela curadoria dessa coleção, procurávamos selecionar os exemplares marinhos que participariam da atividade. Ela conversava comigo, revelando seu interesse pelas estrelas-do-mar, enquanto apontava para a ala dos poríferos, de onde retiraríamos o próximo espécime. Ali, um corpo disforme de tom arroxeadado refletia dentro de um pote de vidro parcialmente cheio com álcool. Ao pegar o pote para observar mais de perto a esponja, um inesperado espanto nos paralisou. O bicho, que parecia intacto momentos antes, desfez-se em pó diante de nossos olhos. O silêncio que seguiu foi preenchido por um gaguejar incerto. Perdemos um deles.

Se você adentrar a sala do PFBio, facilmente se deparará com essa assembleia multiespécies. Compondo um acervo de exemplares disponíveis para empréstimo aos professores de Ciências e Biologia do Rio de Janeiro, encontramos nesta coleção cerca de 336 espécimes e 4 caixas entomológicas, além de fichas informativas, roteiros de atividades e jogos didáticos. Anuros, crustáceos, cnidários, anelídeos e muitos outros exemplares participam de aulas, oficinas e feiras de ciências nas escolas atendidas pelo projeto responsável por sua curadoria. Convocado pelos animais dessa coleção, escutei que a professora que iniciou sua composição na década de 1980 era uma zoóloga interessada no grupo dos Echinodermata³; que, em determinado momento, a coleção foi encontrada completamente seca, empoeirada e coberta por teias de aranha; que o interesse de um licenciando nos animais foi o que impulsionou o seu retorno; que duas grandes doações de coleções particulares ajudaram a recompor o acervo; que a curadoria, envolvendo estudantes, começou com a oferta de bolsas de iniciação artístico-cultural; que alguns licenciandos mantiveram o seu envolvimento com esses animais ao longo de toda a graduação; até que me

³ Nos referimos a professora Maria Lúcia Vasconcelos, fundadora do Projeto Fundão Biologia - UFRJ em 1983 (Ferreira, 2013).

encontrei com a atual estudante responsável pelo cuidado com esses bichos mortos.

Na verdade, nosso primeiro encontro ocorreu durante uma apresentação que ela realizou sobre os animais da coleção na 11ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, um evento voltado para a divulgação científica e das práticas extensionistas da universidade. Naquele período, eu estava começando meu doutorado e, por termos uma orientadora em comum, fui convidado a acompanhar seus estudantes durante as apresentações. Foi uma oportunidade valiosa, e aproveitei para me apresentar e compartilhar meu interesse pelas histórias em torno daqueles animais. Posteriormente, ao assumir o cargo de professor substituto no curso de licenciatura que estava acompanhando, passei a frequentar rotineiramente o PFBio, o que facilitou estabelecer trocas mais frequentes e significativas com ela.

Nos entreolhamos, perplexos, sem saber como agir. O álcool dentro do pote havia ficado roxo, a esponja se diluiu. Se a coleção pode ser uma tentativa de dar um lugar ao morto, de oferecer-lhe mais existência, o que acontece quando falhamos? Quando, apesar de nossos melhores esforços, eles “morrem de fato”? Como que sem saída, a conversa foi conduzida pela dúvida. Não demorou muito para que os outros bichos começassem a murmurar insistentemente. O zumbido nos fez vasculhar as prateleiras e logo ficou claro que o problema era maior do que apenas a esponja roxa. Diversos outros potes, que até então passavam despercebidos, revelavam sinais de alerta: líquidos opacos, vidros trincados, corpos desintegrados, tampas frouxas. Um pedido estava sendo feito.

Gostaríamos de nos deter um pouco mais nesse momento de desfazimento material do porífero, pois ele nos permite considerar que a existência desse animal, como parte de uma coleção didática, está intrinsecamente ligada a práticas instauradoras que possibilitam o florescimento dessa existência mesma. Em outras palavras, para que os animais possam ser e se manter como exemplares conservados em uma coleção, atos de instauração são requeridos no jogo relacional que produz tanto modos de existir para eles quanto geram a possibilidade de menos existência. A esponja, desse modo, como espécime conservada, só é possível de existir no enredamento naturalcultural que a produz, deslocando premissas essencialistas que podem acompanhar os animais. Dizendo de outro modo, com uma entonação harawayana: organismos não nascem, são feitos. Um porífero dentro de um pote de vidro, imerso em uma solução alcoólica e que atua formando professores não nos parece algo simples e dado.

Uma rede de células e poros, um engenhoso sistema aquífero de filtração. As esponjas são consideradas as anciãs entre os animais, com uma história

geológica que remonta a mais de 600 milhões de anos. Antes dos corais, elas desempenharam um papel fundamental como principais construtoras de recifes nos oceanos, contribuindo significativamente para o aumento da biodiversidade marinha (Hadju, Peixinho e Fernandez, 2011). São encontradas desde as regiões polares até os trópicos, em águas doces e salgadas, habitando tanto áreas de pequenas profundidades quanto as galerias escuras e geladas das profundezas do mar (Moraes, 1985). Além disso, também estabelecem relações simbióticas com uma ampla variedade de espécies, incluindo crustáceos, cnidários, moluscos, peixes e bactérias (Brito, 2022). As esponjas também desempenharam um papel importante na economia de países como Cuba e Bahamas, especialmente nas décadas de 1930 e 1940, até que a exploração excessiva e a contaminação dos mares causaram um declínio na sua abundância (Musitano, 2021). São muitas cores, formatos, texturas, histórias e, junto a isso, o deslocamento do ambiente aquático para compor coleções nas prateleiras de laboratórios, museus e salas de aula.

A presença das esponjas em coleções zoológicas toca em uma série de questões, que vão desde o uso do vidro como recipiente seguro e transparente, aliado ao álcool como conservante eficaz — combinação que fundamentou a criação das coleções zoológicas modernas (Simmons e Muñoz-Saba, 2005) — até as implicações éticas, culturais e econômicas envolvidas em sua preservação. Ao longo do tempo, as esponjas também se tornaram centrais nos avanços científicos voltados à preservação dos ecossistemas marinhos, especialmente frente ao aquecimento dos oceanos. Elas são amplamente reconhecidas como bioindicadoras da qualidade ambiental, com a capacidade de acumular poluentes e outras substâncias em seus tecidos (Cerqueira, 2020; Brito, 2022). Além disso, o interesse farmacológico em seus metabólitos é significativo: compostos derivados de esponjas, como o Aciclovir (Ara A), usado no tratamento da Herpes tipo 2, a Citarabina (Ara C), um potente quimioterápico para leucemias e linfomas, e a Espongouridina, utilizada como molde molecular para o desenvolvimento do AZT, um dos primeiros medicamentos aprovados para o tratamento da AIDS (Hadju, Peixinho e Fernandez, 2011; Trindade, 2023), destacam a complexidade da existência desses organismos em coleções.

Deixando escapar muitos fios, esse emaranhado — que abrange desde os ecossistemas marinhos, passando pelos esponjólogos que as estudam, as substâncias químicas derivadas de seus compostos, as instituições que asseguram sua preservação, suas inserções em pesquisas sobre células-tronco, em contextos educativos, laboratoriais e a lista continua... — ilustra o profundo imbricamento naturalcultural que sustenta a existência de uma esponja em uma coleção. Em relação à esponja roxa do PFBio, sua trajetória percorre caminhos marcados pela incerteza. É comum que espécimes de origem parcialmente ou não

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

documentada integrem coleções didáticas, em parte porque essas coleções têm como objetivo promover o aprendizado e o contato com a biodiversidade, e não necessariamente realizar estudos científicos que requerem procedimentos específicos de documentação e catalogação de espécies, permitindo que as coleções didáticas sejam mais flexíveis na incorporação de novos exemplares.

Era o caso desse porífero, que chegou ao projeto por meio da doação de um professor e biólogo prestes a se aposentar. Parte dos animais doados vinha com identificação detalhada, acompanhada de cuidadosas anotações em um caderno de campo que o professor havia produzido ao longo de sua carreira. As informações indicavam coletas realizadas entre os anos 2000 e 2006, nas regiões de Guapimirim e Angra dos Reis, ambas no estado do Rio de Janeiro. No entanto, alguns exemplares, como a esponja roxa, chegaram sem registros. O bicho, com seus poros ainda visíveis e textura aveludada, foi colocado em um frasco de vidro, imerso em álcool, mas sem nome ou data que o ligassem diretamente a um tempo ou lugar. A história dessa esponja, como a de muitos outros espécimes dessa coleção didática, é construída em grande parte a partir de lacunas, ausências e fragmentos. A presença de exemplares sem identificação exige um esforço contínuo dos curadores-professores-estudantes, tanto para tentar identificar e classificar esses animais quanto para criar narrativas que acomodem suas presenças no acervo.

Para mais, suas espículas de espongina, que outrora lhe davam estrutura e suporte, tanto no fundo do mar quanto no pote com álcool, colapsaram quando o frasco foi manuseado. Toda uma potência de existência ruiu diante de nós, e não há nada de belo e pueril nessa perda. Em muitos casos, o pedido a ser acolhido chega de maneiras pouco harmoniosas. Vinciane Despret (2023) nos propõe um interessante exercício de pensamento que pode ser desdobrado com os animais que habitam as coleções. Interessada na relação entre os mortos e aqueles que aqui permanecem, essa comensal nos conduz à reflexão de que “se não cuidarmos dos mortos, eles morrem de fato. [...] Isso não significa de modo algum que a existência deles seja totalmente determinada por nós. A nós cabe a tarefa de oferecer-lhes mais existência” (p. 15). Oferecer “mais existência” a um animal morto deve ser entendido não como a promoção do animal vivo que ele foi, mas como um prolongamento de presença, aquilo que faz esse animal continuar de outro modo, ser de outra maneira.

Essa aposta é interessante pois torna problemático o confinamento dos animais em coleções a partir da premissa de que os mesmos são objetos de conhecimento que representam aquilo que eram capazes de fazer quando vivos. A questão aqui, na verdade, se trata do exercício de levar a sério a demanda por realização desses animais mortos. Considerar que essa esponja requeria de nós “mais existência” implica reconhecer um certo inacabamento desse animal na

coleção, e é a condição mesma de inacabamento desses animais que ata professores e bichos em um contínuo “vir a ser”. Somos arrastados “para uma dimensão de imanência, pois aquilo que ativa o pensamento diz respeito não mais a uma condição de essência do ser, mas a uma situação de existência, manifesta e afirmada contingencialmente” (Ribeiro, 2020, p. 920). Desse modo, podemos abordar os animais mortos não como produtos acabados, frutos de uma trajetória evolutiva encerrada, e objetos inertes de uma coleção, mas sim em seus movimentos de realização.

Inspirados na mobilização que Vinciane Despret faz com os trabalhos de Etienne Souriau e Bruno Latour, lançamos mão da consideração de que “toda existência, qualquer que seja ela, deve ser *instaurada*” (Despret, 2023, p. 16, grifo original). Essa assertiva nos convida a refletir sobre como os níveis de existência são continuamente produzidos, deslocando a noção de que os seres simplesmente existem em si mesmos, como entidades fixas e completas. A existência, sob essa perspectiva, não é uma questão de “sim” ou “não” em relação ao ser, mas envolve múltiplos graus e intensidades de ser que se configuram e se deslocam. O que está em jogo aqui é a potência de existir desses animais, que não se encerra com o ato de matar, mas se reinventa nas relações que os fazem continuar. Em outros termos, a existência de um animal morto não é dada de antemão, mas precisa ser “instaurada” por meio de práticas, interações e atos criativos que possibilitam trazer esse ser à tona, conferindo-lhe modos de existir diante da morte.

O ponto é que conduzir um animal morto a “mais existência” exige de nós esforço, disponibilidade e atenção aos pedidos que emergem dessa relação, de maneira que não saímos ilesos desses encontros. Não foi possível ignorar; uma demanda se impunha, um pedido precisava ser acolhido, e acolher não é um gesto sem custos. Nada disso está isento de poder, de assimetria e de morte. A perda dessa esponja revela os limites do “morto ausente” que outros espécimes podem se tornar diante da falta de cuidado, trabalho ou atenção. A condição de “morto ausente” do porífero não decorreu apenas de sua deterioração física, mas também da ausência de condições materiais e de narrativas que permitissem sua continuidade como exemplar da coleção; da falta de disponibilidade para a promoção de sua/nossa realização. Esse processo se expressa de várias formas, como, por exemplo, quando potes com animais “menos utilizados” acabam deixados nas prateleiras.

Parecia ser o caso dessa esponja. Desde que comecei a acompanhar os animais dessa coleção, nunca a vi sendo utilizada em oficinas ou feiras de ciências, ao contrário de outros espécimes que participam regularmente dessas atividades. Outra esponja, preservada por desidratação, assumia esse papel. Ouvi dizer que ela era mais fácil de manusear por estar fora de um pote, ser maior

e mais resistente ao transporte, o que a tornava mais acessível para demonstrações. Além disso, seu contorno era considerado "mais didático" para a apresentação dos poríferos, facilitando a compreensão dos alunos sobre a anatomia e as características desses organismos. Diante disso, embora a coloração arroxeadada tornasse a esponja que se desfez um dos animais "raros" da coleção, a mesma era mantida e resguardada na prateleira, poucas vezes colocada em movimento.

Mais tarde, ao conversar com a estudante-curadora, ela me revelou que o contato dos professores que fazem o empréstimo de exemplares da coleção com essa esponja ocorre apenas quando eles vão até a sala para retirar os animais. Muitos ficam surpresos com a cor vibrante e impressionados ao ver uma esponja conservada em via úmida. A maioria das esponjas da coleção está desidratada, o que leva alguns a duvidarem se "aquela roxa" é realmente um porífero ou uma ascídia. Sem toque, sem saídas, sem empréstimo. Delicada demais para ser levada, mas permanecer ali também não garante muita coisa. Talvez esse seja o problema quando limitamos esses animais à simples contemplação. Eles exigem mais do que isso. Quando foi tocada, foi quando ela nos mostrou o que estava em curso a muito tempo: sua morte, de fato. No entanto, essa falta é menos intencional do que pode parecer. O jogo de aprender a oferecer "mais existência" a esses animais mortos não se fundamenta na premissa de um sujeito humano previamente determinado que age sobre um objeto – o animal.

Isto é, o animal morto, enquanto um "ser a ser feito" numa coleção didática, exige modos de existir a uma complexa trama de elementos, fatores, vetores e forças, e o curador-professor-estudante, assim como o artista em relação à sua obra (Souriau, 2020), tem acesso a esse pedido e assume a responsabilidade de atender a esse chamado. Temos participação tanto na oferta de mais existência aos mortos quanto na impossibilidade desse acontecimento, mas isso não se dá na autoafirmação individual e humanista. Nessa cena, a presença humana é evidente, mas ela se entrelaça com uma série de outros elementos: substâncias químicas, dispositivos tecnológicos, discursos pedagógicos, além de fatores ambientais como temperatura, umidade e iluminação. Estar diante de animais mortos em coleções trata-se, então, de um agenciamento material-discursivo que dribla qualquer ilusão de autonomia do "sujeito", de modo que o papel do "agente" permanece bastante indeterminado nessa história.

Embora mantida na prateleira, aquela esponja roxa não estava alheia a esse emaranhado de relações, continuando a ativar conexões mesmo à medida que sua ausência se tornava cada vez mais evidente. Algo nos foi sinalizado quando a perdemos, e perdê-la significa também precisar continuar. De modo algum gostaríamos de romantizar o desfazimento daquele porífero, mas insistimos que aquela situação trouxe à tona o caráter de errabilidade, falibilidade, e de nossa

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

submissão ao teste de executar bem ou mal aquilo que nos é solicitado diante de animais em coleções zoológicas. “Tudo pode dar errado e está sempre prestes a dar errado, por isso a instauração da vida (obra) requer *trabalho*” (Jacques, 2019, p. 340, grifo original). Aceitar ser instruído é um bom começo nessa história, pois nos permite não apenas aprender com a realização desse morto, mas também assumir um compromisso ético que se esboça diante de toda a trama que se articula na feitura de sua/nossa existência.

É essencial não perder de vista que o gesto de acolher um pedido e oferecer “mais existência” a um ser também “conduz para uma nova maneira de ser aqueles que assumem essa responsabilidade, através de uma série de provas que vão transformá-lo” (Despret, 2023, p. 16). Os animais preservados na coleção, assim como seus curadores, estão envolvidos em um processo de cocriação, no qual acolher um pedido não apenas prolonga a materialidade desses corpos, mas também produz novas formas de existir. Não há um estado final, uma presença completamente resolvida; o que existe é sempre uma existência em trânsito. Nesse sentido, não apenas o bicho morto, como também o bicho professor-estudante-curador se encontra em um processo contínuo de “fazer existir”, nunca como algo completamente fixo ou dado, sempre em feitura, tal como as relações que criamos com esses mortos, que não cessam de ser obra em processo.

3. Quando perguntei pelos animais, ela respondeu:



Figura 1. Colagem de fotografias da Coleção Didática de Zoologia do PFBio, evidenciando a diversidade de animais e a organização do acervo. Registro e elaboração do primeiro autor.

4. Instalar para instaurar

Ilha do Fundão, Centro de Ciências da Saúde, sala D-23,
Rio de Janeiro, em algum momento do tempo:

O relógio marcava quase 13h30 quando o estrondo ressoou pelos corredores. O gerador de energia da sala do PFBio queimou após a interferência das obras em andamento no laboratório ao lado. Com o curto-circuito, parte da sala que preserva os animais ficou sem energia, revelando a fragilidade do sistema elétrico e a necessidade de uma reforma urgente. A intervenção foi realizada com muitos custos, sobretudo financeiros, mas como em toda boa obra, o verdadeiro desafio não reside apenas na execução, mas na reconfiguração que ela desencadeia. O caos gerado pela poeira, pelos equipamentos desalojados e pela interrupção temporária das atividades exigiu não apenas uma reorganização do espaço, mas se transformou em um campo de decisões onde o desarranjo forçava a criação de novas relações.

Diante do tumulto, os bichos continuavam a nos observar. Nas duas estantes de metal, cada uma com cinco amplas prateleiras, permanecia a esponja marinha, rarefeita em sua matéria; uma serpente submersa em um álcool turvo, repleto de partículas em suspensão; um frasco de três litros abarrotado de filhotes de raias; aracnídeos encapsulados em resina; conchas com formatos peculiares; corais imponentes, cujos fragmentos ultrapassam dez quilos; e a lista poderia continuar e continuar a se expandir. Havia se passado pouco mais de um mês desde o episódio com a esponja roxa, e a reforma na rede elétrica, que desencadeou uma movimentação quase descontrolada de objetos, equipamentos e materiais daquele espaço, acabou afetando também os próprios animais preservados. Não era possível hesitar. Nesse período, fomos inclinados a reavaliar as práticas curatoriais que sustentavam a preservação daqueles animais.

A instalação, manutenção, ampliação, organização e gerenciamento de coleções zoológicas são atividades conhecidas conjuntamente como curadoria (Pimenta et al., 2017). Trata-se de um processo minucioso, no qual o controle de fatores ambientais, a substituição de soluções preservativas, e o manejo delicado de espécimes são componentes essenciais para a conservação e integridade dos exemplares. Nas coleções de pesquisa, especialistas em grupos taxonômicos específicos assumem tradicionalmente essa responsabilidade, operando sob procedimentos sistematizados que garantem a longevidade e o valor científico do acervo. No entanto, a coleção didática zoológica do Projeto Fundão Biologia (PFBio) adota uma abordagem distinta. Aqui, trata-se de outro modo de existir na relação com esses animais mortos, em que professores e estudantes se

envolvem em uma prática experimental de “aprender a cuidar” desses variados bichos.

Acompanhando o processo de orientação e execução do projeto “Materiais Didáticos do Projeto Fundação Biologia - UFRJ”, identifiquei três frentes de atuação que conjuram a curadoria dessa coleção. A primeira é a de empréstimo, por meio da qual até 15 espécimes são disponibilizados para professores da educação básica e licenciandos utilizarem em suas atividades pedagógicas e formativas, gerenciada através de um sistema de controle com fichas de retirada e devolução. A segunda envolve a oferta de atividades, incluindo o planejamento e realização de oficinas com os animais, produção de materiais didáticos e exposição em feiras de ciências nas escolas públicas do Rio de Janeiro. A terceira frente é a revisão das condições de conservação dos bichos, arrumação das prateleiras e limpeza do espaço buscando garantir a integridade e continuidade do acervo.

Considerando que “antes de serem instaurados, e para poderem sê-lo, os mortos devem ser instalados” (Despret, 2023, p. 20), nos parece oportuno dedicar atenção àquilo que se inventa na constante instalação desses animais. Esse talvez seja o primeiro ponto a ser considerado: ao apontar para a instalação dessa coleção, não nos referimos a um ato isolado ou a um momento único e completo, mas a um conjunto de práticas que se estendem sem jamais alcançar um ponto final de conclusão. Ao acompanhar as práticas curatoriais da coleção do PFBio, é possível tomar a instalação como um processo em construção permanente, algo que está sempre por se tornar, mas nunca totalmente concluído. Em parte, isso ocorre devido à constante saída dos animais para as escolas, o que exige reorganizações frequentes e o monitoramento contínuo das condições de conservação. Além disso, a instalação nunca se finda porque, a cada ciclo – com duração variável – do projeto de extensão responsável pela curadoria da coleção⁴, um novo estudante é “capturado” por esses animais, renovando o vínculo e o trabalho a ser feito.

Desse modo, a entrada de estudantes-curadores na trama da coleção zoológica está vinculada à experiência de habitar um espaço onde é necessário experimentar o lugar do cuidado. Exercitemos, então, a consideração de que a curadoria dessa coleção zoológica é constituída, entre outras ordens, por aquilo que Donna Haraway (2011) chamaria de “práticas de cuidado e de partilha não mimética” (p. 27), de maneira que as formas de cuidado aqui em questão não se

⁴ Nos últimos vinte anos, programas institucionais da UFRJ contribuíram para a viabilização do projeto “Materiais Didáticos do Projeto Fundação Biologia”, como o Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão (PROFAEX) e o Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC), que auxiliam na oferta de bolsas aos estudantes envolvidos em ações do projeto, como a curadoria da coleção zoológica.

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

baseiam em uma simples reprodução de comportamentos, uma replicação mecânica de procedimentos ou uma resposta automática baseada em normas pré-estabelecidas. Ao invés disso, essas práticas devem ser entendidas como um processo de coabitação e mutualidade, onde humanos e animais mortos partilham de uma vulnerabilidade comum, a de estar em realização, envolvendo-se em relações que desembocam em constituição mútua, não em separação. O cuidado, portanto, não se trata de um ato unilateral ou imposto, mas de uma partilha de responsabilidades, onde as relações são configuradas diante da exigência de uma “sensibilidade não antropomórfica atenta a diferenças irreduzíveis” (Haraway, 2011, p. 55).

Ao enfrentar os desafios diários da curadoria, a atual estudante-curadora se engaja em uma série de práticas de cuidado. Lembro de quando começamos a trabalhar juntos na coleção e ela me contar sobre sua chegada ao ofício de curadora daqueles bichos. Era o retorno das atividades após a pandemia de COVID-19, o espaço estava desorganizado e repleto de espécimes amontoados nas prateleiras, sem uma disposição clara ou com um sistema de classificação visível. A primeira orientação que recebeu foi pensar a organização dos animais, considerando que essa tarefa lhe permitiria familiarizar-se com o acervo e compreender melhor quem estava ali armazenado. Logo nas primeiras semanas de trabalho, deparou-se com uma situação inesperada e descrita como marcante na sua história com a coleção. Entre os frascos, encontrou um peixe cujo recipiente estava completamente seco, e o animal, podre. Ao examinar a condição do espécime, ela descobriu que o descarte não seria um processo simples. O desconforto era palpável, não apenas pelo cheiro desagradável, mas principalmente pelo que precisava ser feito.

Iniciava então as ações de instalação dessa estudante-curadora em relação aos animais dessa coleção, envolvendo uma triagem cuidadosa: distinguir entre aqueles espécimes que poderiam permanecer e aqueles que precisariam partir. Uma decisão longe de ser simples, pois os princípios que orientaram essa seleção não estavam definidos de partida. O que “deveria ser feito” emergia de um diálogo constante entre as condições dos acontecimentos, a exigência do espaço e o que esses corpos ainda solicitavam. Estar na posição de não saber o que fazer e, ainda assim, precisar agir, demonstra como o compromisso com os processos de instalação é uma questão ético-política que emerge nessas relações. A decisão de quem fica e quem parte, então, não era uma imposição de um planejamento previamente estabelecido, mas um gesto de abertura e atenção ao que ainda poderia ser criado entre a curadora e aqueles animais.

A situação em que o peixe se encontrava era extremamente crítica, e não restavam dúvidas de que ele deveria partir. Seguir os protocolos de eliminação de materiais biológicos exige cuidados específicos, uma tarefa repleta de nuances

e critérios. Foi preciso buscar orientações sobre os procedimentos seguros, bem como identificar os tipos de recipientes recomendados para conter materiais contaminantes. O estado avançado de putrefação do animal, marcado pelo acúmulo de fungos e bactérias, representava um risco específico caso fosse simplesmente descartado em uma lixeira comum, hipótese inicialmente considerada. Sua permanência também era inviável, colocando em risco de contaminação os outros exemplares da coleção. Esse episódio resultou em um longo processo de consulta com outros professores e na preparação necessária, que incluiu a aquisição e o uso de luvas, máscaras e sacos plásticos especializados em conter substâncias contaminantes. Sentimentos de aversão e nojo surgiram diante da tarefa, mas não era uma opção deixá-la inacabada. Assim, com desconforto, o corpo foi encaminhado ao local apropriado para o descarte final: uma outra lixeira.

No entanto, o caso desse peixe foi uma exceção. Um desafio maior estava por vir. A maioria dos animais da coleção não exibia sinais extremos de deterioração, mas demandavam obrigatoriamente cuidado para que pudessem permanecer. A decisão de manter ou descartar esses exemplares não foi guiada exclusivamente pela qualidade de sua conservação; não se tratava de descartar aqueles com sinais de dano e preservar apenas os bem conservados. Em vez disso, a escolha refletiu uma abertura para o que esses bichos ainda poderiam requerer. A permanência na coleção se dava, assim, dentro de conexões que tanto exigiam quanto possibilitavam resposta. Insetos sem patas, borboletas com asas comprometidas, anuros enrugados, crustáceos desprovidos de pinças, e muitos outros, em condições intermediárias de existência - quando tomado como molde a anatomia do animal vivo - foram mantidos como exemplares da coleção.

Segue-se daí um longo processo de implicação entre a curadora-estudante e esses bichos. Aspectos como o uso de fixadores, a compra e reposição de materiais, o monitoramento da evaporação de substâncias conservantes, o controle da incidência de luz e raios ultravioleta (que degradam células, especialmente pigmentos) e a manutenção de uma temperatura adequada para cada tipo de acervo (seja seco ou úmido), além da vigilância sobre contaminantes, poluentes ou fungos, foram questões que pipocaram na triagem realizada com a coleção. Ainda, é possível pensar como o trabalho de conservação desses corpos exige, simultaneamente, um esforço para a produção de histórias que os mantenham presentes. Quando professores solicitam o empréstimo de animais da coleção, a estudante-curadora procura compreender o propósito dessa retirada, ao mesmo tempo em que facilita um encontro no qual os animais mobilizam memórias e desafiam indiferenças. É comum que ideias de abordagens didáticas, relatos pessoais, vínculos afetivos e profissionais, histórias de medo, entre outras, apareçam nas conversas entre a estudante e os professores

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

no momento de empréstimo. Nesse processo, a curadoria prolonga a existência material desses animais não apenas pelo manejo das soluções preservativas, mas também por reativar e recriar camadas de significados. A integridade física e as histórias que os envolvem formam uma teia indissociável, na qual o ato de preservar é também o ato de contar, imaginar e memorar o morto.

Ao enfrentar esses desafios de curadoria, nos deparamos com um conjunto de responsabilidades que extrapolam uma dimensão propriamente técnica. O trabalho de inibir a ação de enzimas autolíticas, prevenir o enrugamento, as dilatações e dissoluções dos tecidos, assim como o esforço contínuo de criar narrativas que prolonguem a presença desses animais, está longe de ser uma tarefa simples e sem custos ontológicos. Esses corpos preservados, ao interpelarem a curadoria, sinalizam que sua agência não é um atributo isolado, mas uma força emergente de intra-ações (Barad, 2021), em que materialidades e significados se co-constituem nas coleções zoológicas. Em outras palavras, esses corpos convocam o trabalho humano ao impor desafios relacionados à degradação – como o controle de fatores ambientais, o uso de substâncias químicas e a vigilância constante – tornando-se parceiros num intrincado processo de negociação que mobiliza ações, decisões e implicações éticas, técnicas e ontológicas. Ao mesmo passo, os animais mortos solicitam histórias, reivindicam significados e se recusam ao apagamento. Insistem em ser mais do que vestígios passivos, interpelando material-semioticamente os vivos com os quais se encontram.

Para mais, a “descoberta” de espécimes também faz parte da dinâmica de instalação dessa coleção. O ano letivo se encaminhava para o fim e as feiras de ciências se multiplicavam nas escolas. Nesse contexto, uma professora da rede municipal decidiu buscar a coleção didática do PFBio, pois estava organizando uma feira com seus alunos do ensino fundamental. Como a professora estava sem uma lista pré-definida de animais a serem levados, ela preferiu explorar o acervo pessoalmente, para poder escolher na hora. Acompanhada pela estudante-curadora, a professora adentrou o espaço onde os mais de trezentos espécimes estavam dispostos. A estudante seguia com a tarefa de pensar a organização dos animais, e as prateleiras ainda estavam bagunçadas, sem uma disposição por Filo ou Classe, como pretendia fazer.

Enquanto conversavam sobre os desafios de organizar uma coleção tão vasta, a atenção da professora foi atraída para o fundo das prateleiras. Vasculhando os potes de vidro, um pequeno animal, quase perdido entre os frascos maiores, lhe devolveu o olhar. Para a surpresa de ambas, era uma anêmona-do-mar! Um alvoroço momentâneo tomou conta do ambiente, à medida que percebiam que aquele era o único cnidário da classe Anthozoa presente na coleção. O fascínio da estudante-curadora, que estava em formação

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

especializada em biologia marinha, se tornou evidente. A professora foi contagiada pelo clima de descoberta, e o bicho, com pouco mais de três centímetros, tomou o proscênio. No mesmo instante, teve o álcool repostado e ganhou um lugar em evidência na prateleira, para que não corresse o risco de se perder novamente em meio a tantos outros potes. A questão é que notar a presença daquela anêmona implicou também em se submeter a uma nova rede de significados e afetações, a uma nova existência a ser instaurada.

Anêmonas, quando se sentem seguras e relaxadas, apresentam os tentáculos abertos e bem estendidos; porém, quando se sentem ameaçadas ou sofrem uma mudança de ambiente, elas recolhem os tentáculos e se fecham (Skinner e Barboza, 2015). Curiosamente, a anêmona-do-mar da coleção estava em estado relaxado, nos lembrando que seu processo de instalação não se iniciava com sua recente “descoberta”. Num tom deleuziano, vale considerar que estávamos no “meio”. De acordo com os Termos de Gestão e Procedimentos de Processamento de Espécimes de Invertebrados, que especificam os métodos “adequados” de anestesia, fixação e conservação para cada grupo de invertebrado marinho, a instalação de uma anêmona exige que o fixador não seja aplicado diretamente no recipiente onde o animal se encontra, pois isso causaria uma reação de contração (Skinner e Barboza, 2015).

Para impedir essa reação, a anêmona deve ser anestesiada antes do processo de fixação. Os principais agentes anestésicos utilizados para invertebrados incluem cloreto de magnésio, mentol, imersão em água doce e refrigeração. Estabelecer as concentrações de anestesia com mentol e cloreto de magnésio a 7,5%, as dosagens de fixação com formol salino a 10% e a conservação com álcool a 70% para preservar uma anêmona (Skinner e Barboza, 2015) revela as especificidades dessa instalação, configuradas por uma partilha assimétrica de relações instrumentais e práticas de cuidado com esses animais. Todos esses procedimentos e suas implicações — o desenvolvimento técnico, os dilemas éticos, o debate sobre a sciência em invertebrados, a carreira dos pesquisadores, o ato de matar e o objetivo de preservar — estão entrelaçados na presença desse animal recém-descoberto na coleção. Ao tocá-lo, somos direcionados a toda essa espessura ontológica, e aprender a oferecer “mais existência” a essa anêmona envolverá levá-la a sério, adotando práticas de cuidado que possibilitem sua continuidade enquanto um “ser a ser feito” dentro da coleção.

"Até hoje, sempre que mexo em algo na coleção, continuo descobrindo novos animais e me importando com eles" — foi um dos relatos que ouvi dessa estudante-curadora. As disposições afetivas e éticas, como "se importar com" e "cuidar de", referem-se às atitudes de preocupação e responsabilidade diante da curadoria desses animais mortos. No entanto, essas atitudes não são suficientes

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

por si só; elas precisam ser sustentadas por práticas materiais, ou seja, ações concretas que dão corpo ao cuidado (Bellacasa et al, 2023). A distinção entre as atitudes (se importar e cuidar) e as práticas (dar e receber cuidados) não implica uma separação entre elas, mas serve para sinalizar que o cuidado é uma política abrangente, complexa, indefinível e por vezes contraditória. Essa toada “nos permite enfatizar que uma política do cuidado envolve muito mais que uma postura moral; envolve agências afetivas, éticas e práticas com consequências concretas e materiais” (Bellacasa et al, 2023, p. 111). Seguindo essa proposição, ponderamos que o cuidado e a revisão dos métodos de conservação em uma coleção zoológica não são neutros ou desprovidos de implicações ontológicas. Cada decisão sobre quais espécimes vão permanecer, como conservar os corpos ou organizar as prateleiras, assim como as narrativas necessárias para situá-los, implica na criação de condições que possibilitam a instalação/instauração desses animais.

Nesse sentido, não podemos perder de vista que haverá sempre ações a serem realizadas e respostas a serem devolvidas na tentativa de instaurar esses animais, e essas “ações” nunca serão exclusivamente humanas. A situação fala, em um mesmo fôlego, da agência de animais, pessoas, coisas, objetos, soluções, organismos, partes, forças físicas enredadas em um novelo denso e intricado. “Afirmar o absurdo de desemaranhar as relações humanas e não humanas de cuidado e as éticas envolvidas nelas requer descentrar as agências humanas, bem como permanecer perto das contingências e das heranças dos fazeres humanos situados” (Bellacasa et al., 2023, p. 109). A estudante-curadora não se torna apta ao cuidado apenas por meio de uma capacidade racional e instrumental, mas por estar submetida e disponível ao que esses animais – e toda a malha naturalcultural que os coloca em ação - exigem para sua realização enquanto mortos.

Voltemos à reforma elétrica da sala do PFBio. A vedação frouxa de alguns frascos, o álcool evaporado até a metade, o amontoado de corpos em um único recipiente e o desgaste ou desaparecimento das etiquetas foram, mais uma vez, os sinais de alerta. Uma lista de materiais a serem adquiridos para a reinstalação dos animais foi elencada pela estudante-curadora: litros e mais litros de álcool 70%, potes de vidro de diferentes tamanhos, etiquetas, bombonas, bandejas, canetas permanentes, pinças anatômicas e mais uma estante de metal. Percebemos que essa ação não se trata apenas de suprir uma necessidade logística. A decisão de reorganizar as estantes, expandir o espaço disponível para o acervo e de adquirir novos materiais para acomodar os animais é parte fundamental desse processo de “fazer existir”, uma forma de dar continuidade à obra em realização que esses animais ainda são.

Aprender a rastrear suas trajetórias e recuperar seus nomes também se tornou parte de um processo contínuo para os professores-estudantes-curadores que acompanham esses exemplares. Para a produção de narrativas que ofereçam aberturas para a instauração desses animais, apostamos numa abordagem conjunta da conservação museológica e biológica com diferentes discursos, como interpelações filosóficas, contribuições da zooliteratura, bem como da antropologia e da ecologia, “na convicção de que o estudo das políticas animais exige um esforço conceitual multidisciplinar” (Fausto, 2020, p.15). Esses desafios delineiam o tortuoso horizonte a seguir diante da curadoria dessa coleção.

É claro que isso leva um pouco de tempo, às vezes até mesmo alguns anos, mas exige, muito concretamente, que os mortos estejam situados. (...) Que tenhamos *dado* um lugar a eles. Exige ainda outras coisas: cuidados, atenção, atos, um meio, senão propício ou acolhedor, pelo menos não muito hostil. A maneira de ser dos mortos requer boas maneiras, maneiras pertinentes, de se dirigir a eles e de compor com eles (Despret, 2023, p. 19, grifo original).

Essa reflexão nos permite considerar que “dar” um lugar ao morto é uma questão de conquista, e não de coincidência. Presenças, sejam elas materiais ou simbólicas, precisam ser ativamente nutridas, moldadas e conquistadas. Cada decisão de onde posicionar um espécime, de como conservá-lo e mesmo de como narrar sua história, é uma conquista, não um dado do acaso. Explorar, junto aos animais mortos, modos de existência que os tornem capazes é o que estamos compreendendo como “instauração”, um processo vinculado a práticas instaladoras que emergem da relacionalidade multiespécies que conjura uma coleção. É justamente esse exercício que coloca em movimento e em abertura a feitura mútua entre esses animais e aqueles que se dedicam ao seu cuidado. É preciso aprender a cultivar maneiras de cuidar, de dar atenção, de instalar. Todas essas práticas são ontológicas e nos possibilitam viver em mundos curriculares depois da morte.

5. Essa presença inquietante e questionadora: a morte

Escola municipal,

Rio de Janeiro, em algum momento do tempo:

No centro da mesa, os frascos estavam alinhados, cada um contendo corpos de animais marinhos e terrestres. A oficina tinha acabado de começar, e as crianças — curiosas e inquietas — olhavam ora para os frascos, ora para a estudante-curadora, esperando uma explicação que fosse além da aparência fria da solução que envolvia cada exemplar. Assim que ela levantou um dos potes, contendo um sapo cururu (*Rhinella marina*), uma menina, de olhos arregalados, perguntou, sem hesitar: "Quem matou ele?" A pergunta cortou o ar, e antes que pudesse ser respondida, outro garoto já emendou: "Ele tá morto de verdade?" Um terceiro se

inclinou para ver melhor o sapo dentro do pote e indagou: "Como ele morreu, professora?". As perguntas se avolumavam, uma após a outra, como uma enxurrada incontida de curiosidade e espanto. Uma das estudantes, que observava com certo entusiasmo o anuro já fora do pote, resolveu conferir se aquele era um "sapo de verdade". Tocou. De repente, um grito: "Ele não é de plástico?"

Ficaremos nesse último instante do texto com as indagações sobre a morte desses animais. Envolvido com as oficinas e exposições realizadas junto aos animais dessa coleção, notei que as primeiras perguntas que surgem ao serem evocados sempre são sobre quem os matou, se estão realmente mortos e de que forma morreram. A demanda moral entra em jogo, mas é preciso cautela para que a morte desses animais não seja reduzida a uma questão de culpa. Quer dizer, nas ciências biológicas, por exemplo, "mata-se para descrever indicadores que possam circular em discursos que têm como cerne a preservação de animais não humanos com preocupações éticas que refletem os vínculos afetivos entre biólogos e animais de pesquisa" (Cruz, 2020, p. 135). A presença desses animais em coleções, portanto, levanta questões éticas complexas e ambivalentes que vão além da busca por um "culpado", sendo preciso reconhecer as tensões entre a preservação e a morte, e como essas práticas configuram relações materiais-semióticas complexas.

Ainda que persistam contextos científicos marcados por relações unidirecionais de uso, regidos por práticas de cálculo e embasados na razão humanista, onde os animais têm pouca ou nenhuma chance, não nos parece produtivo confinar as práticas científicas que envolvem a morte de animais a narrativas uniformes e informadas exclusivamente pela dominação. Vale lembrar que nenhuma história é universal, e que algo fora dos cálculos sempre pode acontecer. Reiterar apenas que a morte dos animais nas práticas científicas é um ato antropocêntrico ou especista pode diluir as complexidades envolvidas em cada morte, reduzindo tanto o animal quanto a própria prática científica a entidades totalizantes, sem contingência ou especificidade.

Ao interpretar a morte como uma abstração desprovida de contexto, oblitera-se a materialidade-semiótica que emerge em torno da mesma, transformando-a em um evento homogêneo. Esse processo simplifica a intrincada rede de significados e interações que conectam humanos e animais, valorizando uma narrativa unidimensional de controle e apropriação. Assim, as singularidades de cada vida e morte são esmaecidas, e com elas desaparecem as possibilidades de compreender as práticas científicas como inseridas em relações complexas e situadas, permeadas por negociações parciais, indigestas e nunca suficientemente justificáveis. Isso não quer dizer que não exista assimetria e sofrimento diante do ato de matar animais. Não se trata de apagar as dinâmicas

de poder ou ignorar as implicações éticas, mas de driblar tanto a narrativa de dominação total, que reduz os animais a objetos de controle humano, quanto a ideia de uma separação absoluta entre humanos e não-humanos, que ignora as interdependências e agenciamentos compartilhados.

Quando Haraway (2011, p. 37) diz ser importante "reconhecer a copresença em relações de uso e, portanto, lembrar que nenhuma planilha de custo e benefício será suficiente", ela nos instiga a questionar a noção de que decisões éticas, como aquelas que envolvem o ato de matar animais, possam ser reduzidas a uma análise puramente racional ou utilitária. Junto a essa comensal, argumentamos que a morte ou o uso de animais não pode ser plenamente justificada por razões que invoquem uma Razão universal, uma verdade absoluta ou o consolo de um Sacrifício maior. A ciência, nesse sentido, não opera em um vazio moral, mas em um contexto permeado por razões "mundanas" — isto é, situadas, contingentes, afetivas e inerentemente falíveis. A questão, então, se trata de "aprender a viver responsavelmente dentro da múltipla necessidade e labuta de matar, para então assumir isso com transparência, em busca da capacidade de responder em inexorável contingência histórica, não teleológica e multiespécies" (Haraway, 2011, p. 42).

Isso significa que as práticas instrumentais, como aquelas que matam animais para compor coleções zoológicas, não devem ser tomadas como obviamente aceitáveis, e que tais práticas "não devem deixar nunca seus praticantes em conforto moral, convencidos de sua retidão" (Haraway, 2011, p. 35). Significa também que o ato político em questão não é a negação da morte ou do ato de matar, mas um chamado para enfrentar a complexidade e a responsabilidade que surgem inerentes a essas relações, sem recorrer à reiteração da excepcionalidade humana como refúgio. Isso não elimina a possibilidade de causar sofrimento, mas oferece a possibilidade de uma reavaliação constante, um compromisso ético de reconsiderar, questionar e colocar em suspensão nossas práticas científicas. A "razão sentida" que Haraway (2011) propõe é uma forma de pensar e agir que está profundamente conectada ao mundo material e às relações com outros seres, reconhecendo tanto a responsabilidade quanto a vulnerabilidade dessas decisões. É uma razão que não busca absolvição, mas sim uma abertura constante para imaginar o cuidado e nutrir a dúvida.

A morte, como tentamos explorar ao longo deste texto, não está sendo concebida como um fim definitivo, nem o ato de matar é visto como a imposição de um sacrifício. Em vez disso, a morte funciona como uma chave de transição que ressignifica, material- semioticamente, a presença — ou melhor, a existência — de bichos, estudantes e professores. É evidente que a morte dos animais é uma das forças que sustentam e reconfiguram as redes de interdependência em uma coleção zoológica, e "por mais que tentemos nos distanciar, não há nenhuma

maneira de viver que não seja também uma maneira de mais alguém, não apenas mais alguma coisa, morrer diferenciadamente” (Haraway, 2011, p. 42). Embora todos cheguem mortos aos cuidados dos curadores da coleção, é inegável que alguém os matou, e que essa morte se insere em uma partilha não mimética de sofrimento, gestada nas práticas científicas que exigem a participação de animais para se realizarem.

Desse modo, as respostas para as questões "quem os matou?", "estão realmente mortos?" e "de que forma morreram?" não podem ser generalizadas, tampouco ocultadas. A morte de cada animal é um evento singular, com suas próprias circunstâncias, motivações e implicações, que não podem ser justificadas de forma acrítica ou simplificadas em respostas que apaguem as particularidades dos processos envolvidos. É necessário, portanto, cultivar respostas situadas, que abordem práticas científicas localizadas e que desdobrem sobre como a morte de determinado animal é produzida, permanecendo com as contingências dos fazeres científicos. Um compromisso nada simples, mas uma exigência que parece emergir dessa presença inquietante e questionadora de animais preservados em coleções. A implicação entre humanos e bichos mortos faz emergir os entes dessa relação por meio da partilha de uma materialidade-semiótica que abrange matar, conquistar, errar, sofrer e inúmeras outras disposições inerentes às múltiplas e assimétricas relações que permeiam a curadoria de coleções.

Ao longo do artigo, procuramos demonstrar como o agenciamento entre humanos e animais mortos ocorre em práticas curatoriais de uma coleção didática de zoologia, sinalizando que a agência não está limitada à ação consciente ou intencional, mas se manifesta como um "devir-com", uma forma de coprodução que se desenrola entre os corpos preservados dos animais e aqueles que se dedicam aos seus cuidados. Trata-se de um movimento que não apenas coloca em abertura a feitura de animais mortos, mas também de professores e estudantes implicados nessa relação. Argumentamos que os atos de curadoria — sejam eles a preservação de corpos, a exposição em feiras de ciências ou as práticas de ensino — não podem ser reduzidos a tarefas técnicas ou instrumentais. Pelo contrário, eles configuram práticas de cuidado, impregnadas de dilemas éticos, negociações afetivas, desconforto e responsabilidades compartilhadas. É nesse espaço de encontro e tensão que reconhecemos a agência dos animais mortos, que persiste tanto na materialidade de seus corpos preservados quanto nos significados que mobilizam.

Ensaíamos, ainda, a consideração de uma relacionalidade ontológica ativada e configurada pelas práticas curatoriais nessa coleção zoológica. Ao atender aos pedidos dos exemplares, curadores-estudantes-professores mantêm esses corpos em um estado de "instauração", em que eles - humanos e mais-que-

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

humanos -, se engajam em práticas de “fazer existir” mundos e modos de ser. É preciso especular práticas educacionais que se estendam além dos limites da utilidade, para que possamos compreender a complexidade de relações que possibilitam a existência dos animais em coleções didáticas. Em vez de tratar os animais mortos como meros instrumentos pedagógicos, escolhemos aqui considerá-los como participantes ativos que, por meio da conquista de sua presença preservada, continuam a suscitar outros mundos possíveis na formação de professores. A presença dos exemplares mortos nos lembra que a curadoria de uma coleção envolve coabitar com esses seres preservados, aprendendo a responder à convocação de uma existência que exige continuamente “vir a ser”. Essa dinâmica desafia a ideia de que a coleção didática zoológica é um espaço neutro em termos ético-políticos. Ao contrário, ela se revela um campo em que as relações multiespécies e a interdependência se tornam evidentes e significativas.

O que podemos saber sobre o que os mantém mortos?

Bibliografia

- Alaimo, S. (2017). Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 2, p. 909-934. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/frjFtMLQ6FhwyRj8VS9xSB/#>.
- Barad, K. (2021). Performatividade queer da natureza. Tradução: Marçal, J. F., Ranniery, T. *Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura*, 3(11), 300–346. Doi: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.11.11882>.
- Bellacasa, M. P. D. L., Böschemeier, A. G. E., Engel, C., Greco, L., e Fietz, H. (2023). O pensamento disruptivo do cuidado. *Anuário Antropológico*, 48(1), 108-133. Doi: <https://doi.org/10.4000/aa.10539>.
- Brito, L. B. (2022). *Inventário dos poríferos do entremarés da Costa do Descobrimento (Bahia)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Universidade Federal de Pernambuco. Recuperado de: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49380>.
- Cerqueira, W. R. P., Batista, R. N., dos Santos, V. O., de Lima, J. B., dos Santos, G. Q., e Reis, P. H. S. M. (2020). Registro de petróleo em poríferos e cnidários durante o impacto agudo de derramamento no Nordeste brasileiro em 2019. *Scientia Plena*, 16(8). Doi: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2020.088001>.
- Cruz, E. P. D. (2020). Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horizontes Antropológicos*, 26(57), 115-144. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>.
- Despret, V. (2021). *O que diriam os animais?* Ubu Editora.

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

- Despret, V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 Edições.
- Fausto, J. (2020) *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: n-1 Edições.
- Feijó, A. G. S., Braga, L. M. G. M., e Pitrez, P. M. C. (2010). *Animais na pesquisa e no ensino: aspectos éticos e técnicos*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 421p.
- Ferreira, M. S. (Coord.). (2013). *Projeto Fundação 30 anos: Biologia*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró Reitoria de Extensão, 32p.
- Hadju, E., Peixinho, S., e Fernandez, J. C. (2011). *Esponjas marinhas da Bahia: guia de campo e laboratório*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 276 p.
- Haraway, D. (2011). A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes antropológicos*, 17, 27-64. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100002>.
- Haraway, D. (2021). *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA.
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*. UBU Editora.
- Jacques, R. (2019). O trabalho de instauração sob a esfinge da obra a-ser-feita na floresta dos virtuais: uma introdução à filosofia de Étienne Souriau. *GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia*, 4(1), 337-353. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.151822>.
- Marandino, M., Selles, S. E., e Ferreira, M. S. (2009). Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez.
- Moraes, B. M. (1985). *Esponjas Marinhas*. Em: *Manual de técnicas para a preparação de coleções zoológicas*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Zoologia – CNPq. Recuperado de: https://www.ib.unicamp.br/museu_zoologia/system/files/2022-01/2.%20Esponjas%20Marinhas.pdf.
- Musitano, M. (2021). *Esponjas*. In vivo (site). Museu da Vida (Fiocruz). Recuperado de: <https://www.invivo.fiocruz.br/biodiversidade/esponjas/>.
- Papavero, Nelson. (1994). *Fundamentos práticos de taxonomia zoológica*. São Paulo: Editora Unesp, 285p.
- Pimenta, A. L., Vasconcelos, T. P. C., Rodrigues, M. M., Stefano, R. G., Binoto, T. G. S., Rodrigues, D. L., e Santos, J. B. O. (2017). A importância da curadoria de coleções zoológicas do subfilo Vertebrata para a comunidade científica. *Revista Presença*, 3, 17-34.
- Ribeiro, C. R. (2020). “Modos de existência” como dispositivo teórico-conceitual: contribuições de Michel Foucault e Étienne Souriau à pesquisa

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

educacional. *ETD Educação Temática Digital*, 22(4), 912-930. Doi: <https://doi.org/10.20396/etd.v22i4.8655333>.

Simmons, J. E., e Muñoz-Saba, Y. (Eds.). (2005). *Cuidado, manejo y conservación de las colecciones biológicas*. Bogotá DC, Colombia: Univesidad Nacional de Colombia, 288p.

Skinner, L. F., e Barboza, D. F. (2015). *Coleta, fixação e preservação de invertebrados marinhos*. Em: Santori, R. T., e Santos, M. G. (Orgs). *Ensino de Ciências e Biologia: um manual para elaboração de coleções didáticas*. Rio de Janeiro: Editora Interciência, p.134-154.

Souriau, E. (2020). *Do modo de existência da obra a fazer*. Em: SOURIAU, E. *Diferentes modos de existência*. Trad. Walter Romero Menon Júnior. São Paulo: n-1 Edições.

Souza, F. L., e Gomes, M. M. (2022). O Museu Nacional e a constituição da SAE: aspectos históricos de sua função educativa. *Revista CPC*, 17(33), 268-294. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p268-294>.

Trindade, J. V. F., Araújo, G. L. S., Rodrigues, B. S. D. S. L., Castro, A. S. B., e Santana, L. A. (2023). Poríferos e suas toxinas: revisão narrativa. *SAÚDE DINÂMICA*, 5(3), 52-67. Doi: <https://doi.org/10.4322/2675-133X.2023.014>.

TULIO VIEIRA

Um metazoário, mamífero placentário e professor de biologia, licenciado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dedica-se a pesquisas que exploram a interseção entre educação, natureza e estudos multiespécies. Atualmente, é professor substituto na Faculdade de Educação da UFRJ, onde colabora com a formação de professores de biologia. Seus interesses perpassam temas relacionados aos animais no ensino, a relação entre educação e natureza, as tradições curriculares das Ciências Biológicas e a formação de professores.

MARIA MARGARIDA GOMES

Professora associada do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Ciências Biológicas pela UFRJ, mestre em Currículo e Ensino pela KU - Universidade do Kansas e doutora em Educação pela UFF - Universidade Federal Fluminense. Coordena o Grupo de Estudos "Currículos escolares, ensino de Ciências e materiais didáticos", desenvolvendo e orientando

Instaurar os mortos: a curadoria de animais em coleções didáticas

Tulio Vieira, Maria Margarida Gomes

trabalhos na área de Educação, principalmente em Currículo e suas relações com o ensino das Ciências e Biologia, a história das disciplinas escolares, os conhecimentos escolares, as materialidades escolares e a formação de professores.